

EIXO TEMÁTICO: DANÇA EM CADEIRA DE RODAS

A formação do professor de dança artística em cadeira de rodas

The formation of a dance teacher in a wheelchair

Ana Beatriz Rodrigues do Lago¹; Eliana Lúcia Ferreira²

¹ Mestranda do programa de pós-graduação em Educação Física – Movimento Humano e Cultura pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

² Pós-doutorado em Avaliação educacional do Ensino a distância pela Universidade Nacional do Ensino a distância – UNED-Espanha e em Linguística com ênfase em Análise de discurso pela Universidade Estadual de Campinas.

E-mail- bialagomoraes@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar a formação dos professores de dança artística em cadeira de Rodas. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa. Para a coleta de dados foi utilizado como instrumentos à análise da grade curricular dos cursos de licenciatura em dança das universidades do Brasil e entrevista semi estruturada. Participaram como sujeitos deste estudo quinze professores dos grupos de dança em cadeira de rodas de diversas regiões do Brasil. Os dados mostram que os professores de dança artística em cadeira de rodas utilizam em sua prática docente seus saberes e experiências adquiridos pela sua vivência como dançarinos. O estudo conclui ainda, que se torna necessário se pensar o futuro com um investimento maior na formação profissional nos cursos de graduação.

Palavras-chave: Dança Artística em Cadeira de Rodas, Saberes Docentes, Formação de Professores.

Introdução

A Formação dos professores de dança em cadeira de rodas, sucinta a discussão inicial da concepção da formação do profissional para atuar nesta área. O ensino da dança no Brasil é abraçado de formações distintas, não tendo, portanto, estabelecido uma concepção acadêmica única. Podem-se encontrar professores com graduação em educação física, com licenciatura em dança ou ainda profissional que não tem instrução acadêmica e que estudaram dança em clubes e academias tendo formação em outra área.

No que se refere ao universo da dança para deficientes ainda podemos encontrar profissionais que possuem formação em educação especial ou na área da saúde e ensinam dança a partir de suas experiências como alunos de dança, não possuindo licenciatura, em educação física e nem dança. Tardif¹ considera o saber docente como saber plural. Esta pluralidade se deve aos vários saberes: da formação profissional, dos disciplinares e experienciais. Segundo o autor, o saber dos professores é reconhecido também como temporal, já que é adquirido no contexto de uma história de vida e de uma carreira profissional.

Assim, estudar a formação do professor de dança em cadeira de rodas é perceber a complexidade da constituição dos saberes reconhecendo que os mesmos situam-se em um contexto que deve ser descrito. Tais reflexões remetem as seguintes questões que se colocam para investigação: Como se constitui os saberes dos professores de dança em cadeira de rodas? Que saberes são utilizados na prática docente do professor de dança em cadeira de rodas? Onde os professores buscam a sua formação? Como as universidades em seus cursos de licenciatura em dança vêm abordando a dança para deficientes físicos?

Objetivo

O presente artigo tem como objetivo investigar a formação dos professores de dança artística em cadeira de Rodas.

Método

Esta pesquisa teve um enfoque qualitativo, visto que segundo Ludke², as abordagens qualitativas facilitam a análise e a interação entre as variáveis, descrevendo a complexidade de problemas e hipóteses em participar desta pesquisa.

Para a coleta de dados foi inicialmente utilizado como instrumento a análise da grade curricular dos cursos de licenciatura em dança das universidades particulares e públicas do Brasil. Os dados utilizados no estudo foram disponibilizados pelas instituições nas informações encontradas nos sites das mesmas.

A natureza do corpus foi constituída por materiais orais de entrevistas realizadas com quatorze professores dos grupos de dança artística em cadeira de rodas de diversas regiões do Brasil composta por quatro grupos da região nordeste, nove grupos da região sudeste, e um grupo da região sul, que concordaram em participar desta pesquisa. Os dados foram coletados mediante aprovação pelo Comitê de Ética em pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil, conforme parecer nº: 83/2013, aprovado na data de 14/06/2013.

A entrevista semi estruturada teve com o objetivo conhecer os professores atuantes com a Dança em cadeira de rodas. Optou-se pela entrevista semi-estruturada por não ser aplicada rigidamente, propiciando uma abordagem através de um instrumento mais flexível e dessa forma, analisar e interpretar o discurso dos professores estando atento não apenas ao roteiro pré estabelecido e as respostas verbais, mas toda a comunicação não verbal que se torna importante para conhecer o processo de formação dos mesmos.

Analisar a formação do professor de dança em cadeira de rodas é perceber a complexidade dos saberes. Reconhecendo-os como temporais, plurais, heterogêneos e personalizados, situados em um contexto, em síntese, baseado em Tardif¹, reconhecer os saberes carregados de marcas do humano, ou seja, marcas históricas, sociais e da experiência do cotidiano, do saber fazer.

Buscando conhecer esses saberes foi elaborado um questionário levando em consideração quatro categorias de análise: O tempo da existência do grupo em estudo; a técnica utilizada pelo professor para o ensino da dança artística em cadeira de rodas; a formação inicial do professor.

Inicialmente as respostas foram agrupadas e analisadas a partir do que foi revelado em cada categoria. No segundo momento, fizemos o entrecruzamento dessas respostas comparando-as, sempre com base nos referenciais teóricos que embasaram esta pesquisa, desvendando a regularidade que os dados são apresentados na perspectiva de compreender o objeto de estudo.

Resultados

Não foram encontrados nas ementas das disciplinas conteúdos que abordam sobre a questão da diversidade, comprometendo assim a formação dos professores em lidar com uma nova exigência social. Dentre os professores entrevistados apenas um possui licenciatura em dança, cinco possuem formação em educação física, dois são fisioterapeutas e seis são formados em diferentes cursos.

Esses dados demonstram que a formação inicial, de grande parte dos professores entrevistados, não tem relação com a dança, concluindo assim, que os saberes sobre a dança em cadeira de rodas não provem de sua formação inicial.

Os professores relatam, nas entrevistas, que não há um direcionamento único para o trabalho de dança em cadeira de rodas. As entrevistas revelaram que treze professores adquiriram o conhecimento sobre dança como alunos durante a infância e adolescência

Discussão

A análise da grade curricular dos cursos de Licenciatura demonstra que das universidades brasileiras públicas e particulares vinte e três possuem curso de licenciatura em dan-

ça. Dos referidos cursos, onze possuem em sua grade curricular alguma disciplina voltada para a dança para pessoas com deficiência. Dessas onze disciplinas, seis são obrigatórias na grade e as demais são optativas. O que demonstra uma não obrigatoriedade em obter o conhecimento em relação ao aluno com deficiência.

O currículo das faculdades de dança está longe de oferecer a formação necessária ao professor de dança em cadeira de rodas, havendo um distanciamento entre os saberes e a prática do docente. Segundo Tardif¹, os cursos de licenciatura de um modo geral apresentam problemas na sua estrutura curricular, não têm muitas vezes funcionalidade, necessitando rever seus conteúdos. Existe um hiato entre os saberes disciplinares apresentados na universidade de dança e a ação profissional, as disciplinas apresentam-se fragmentadas com abordagens que não atingem os conhecimentos sobre a pessoa com deficiência.

No que se refere ao tempo da de atuação/ desenvolvimento existência dos grupos em estudo, observamos, através dos dados da entrevista que esta prática vem sendo desenvolvida por grupos independentes vinculados às Universidades, Associações de Deficientes, Prefeituras Municipais e Escolas de Dança a mais de uma década e praticadas nas diversas regiões do Brasil.

Em relação à técnica utilizada pelos grupos atuais Ferreira³ diz que é fundamental assumir que a dança em cadeira de rodas é diferente das outras danças que não possui especificidades. Os professores relatam, nas entrevistas, que não há um direcionamento único para o trabalho de dança em cadeira de rodas.

É notória a pluralidade de estilos coreográficos. Os dados demonstram que a maioria dos grupos utiliza mais de um gênero de dança, apenas um grupo estudado desenvolve o trabalho padronizado em um estilo, quatro outros grupos utilizam também os princípios da dança esportiva e três grupos baseiam-se nos princípios da dança de salão. A dança contemporânea é citada por seis grupos e a dança moderna por

três e ainda quatro grupos responderam utilizar outras modalidades como estilo livre, balé clássico, jazz, dança folclórica e, por fim, dois sinalizaram não possuir técnica específica. Esta diversidade de estilos trabalhados demonstra que os grupos não possuem uma concepção epistemológica da dança em cadeira de rodas.

A diversidade de métodos e técnicas utilizadas é em parte decorrente aos professores passarem por formações distintas, não tendo, portanto, estabelecida uma concepção acadêmica única. O que se observa é que não se tem definido onde os professores que atuam com dança com cadeirante buscam seus saberes.

As características dos movimentos dos dançarinos sobre uma cadeira de rodas são descritos/ inscritos de formas estabelecidas, ou seja, pré-determinadas de acordo com o profissional que as desempenha. Segundo Ferreira⁴ isto ocorre devido a uma contradição não só de forma, mas também de conteúdo.

Indo nesta mesma linha de raciocínio, Marques⁵, aponta que contradições na formulação técnica refere-se à formação, técnica e metodologias do ensino da dança. Para a autora, os professores ainda continuam ministrando aulas baseadas em suas experiências anteriores como estudantes de dança e assim repetindo, do mesmo modo, a forma que aprenderam. Esses professores demonstram não terem uma reflexão crítica sobre a dança. Além disso, ainda se percebe a cultura de que qualquer pessoa pode ensinar dança.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que os aspectos levantados por Marques⁵ venham a ser observados no universo da dança em cadeira de rodas onde o professor, por desconhecer as especificidades corporais da pessoa com deficiência física, acaba por adaptar diferentes técnicas que aprenderam quando eram dançarinos. Essas experiências anteriores, enquanto alunos de dança, muitas vezes não correspondem aos princípios pedagógicos de ensino da dança com métodos adequados ao dançarino cadeirante, identificando a tendência desses professores a repetirem modelos de movimentos padroniza-

dos que desconsideram os gestos corporais próprios do dançarino com deficiência física.

A questão relativa a diversidades de técnicas e métodos de ensino utilizado pelos professores de dança em cadeira de rodas passa pela formação do profissional da área o que faz necessário a análise no que se referente à formação dos professores em estudo onde constatamos uma diversidade de cursos em sua formação.

Dentre os professores entrevistados apenas um possui licenciatura em dança, seis possuem formação em educação física, dois são fisioterapeutas e seis são formados em diferentes cursos. Esses dados demonstram que a formação inicial, de grande parte dos professores entrevistados, não tem relação com a dança, concluindo assim, que os saberes sobre a dança em cadeira de rodas não provem de sua formação inicial.

Conclusão

Concluimos que os professores de dança artística em cadeira de rodas utilizam em sua prática docente seus saberes experiências adquiridos pela sua vivência como dançarinos. Concluimos neste estudo que cada grupo vem, portanto, optando por uma metodologia própria.

Dessa forma, diferentes técnicas são adaptadas, gerando, muitas vezes, a banalização dessa modalidade, visto que a iniciativa em colocar o deficiente físico, principalmente os mais comprometidos, no palco é acolhida de antemão como iniciativa louvável, em detrimento da cautela quanto à aplicação de metodologias, e quanto à necessidade de campo de pesquisa em respaldo teórico e empírico para que se estabeleça(m) técnica(s) ou um gênero novo.

Entendemos que sua formação inicial não tem relação direta com a linguagem da dança. Isto posto, a dança em cadeira de rodas enquanto conhecimento ainda está buscando seu reconhecimento no cenário da dança. Se considerar-

mos a dança em cadeira de rodas como um novo gênero é pertinente este gênero fazer parte das formações de dança, com sua técnica específica, reconhecendo as especificidades corporais do dançarino e a necessidade de estudo e reflexão sobre o tema.

O estudo conclui ainda, que se torna necessário se pensar o futuro com um investimento maior na formação profissional nos cursos de graduação onde o professor de dança de pessoas com deficiência física possam adquirir conhecimentos específicos e reconhecer seus saberes carregados de marcas do humano, ou seja, marcas históricas, sociais e da experiência do cotidiano, do saber fazer.

Referências

1. Tardif, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
2. Ludke M A. Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo; Epu,1986.
3. Ferreira EL. E.L .Dança em Cadeira de Rodas: Uma Proposta de Desenvolvimento de Dança para Pessoas Portadoras de Deficiência Física. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS, 1., Campinas; 2001, Anais ...,Campinas: Rvieira, 2001.
4. Ferreira EL. Corpo – Movimento- Deficiência: As formas do Discurso da /na Dança em Cadeira de Rodas e seus processos de Significação. ; 2003. Tese de (doutorado Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas; 2003.
5. Marques, I. Ensino de dança hoje: Textos e Contextos. São Paulo: Cortez, 2001.



Acessibilidade e dança em cadeira de rodas

Accessibility and wheelchair dance

Alexandre de Aguiar Siqueira

Arquiteto e Especialista em Esportes e Atividades Físicas Inclusivas para Pessoas com Deficiência pela UFJF
E-mail de contato: lasdanca@hotmail.com

Resumo

O desenho e a dança são duas temáticas apaixonantes, tentar modificar estruturas de sociedades leva tempo, acertos e erros. Objetivo: O presente trabalho procura sistematizar o espaço físico adequado e possível para a prática da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas (DECR), uma vez que é um estilo de dança adaptada que abrange duas vertentes: a artística e a esportiva. Método: é uma pesquisa descritiva de uma proposta de projeto para a sala de aula e treinamento da DECR. Cabe lembrar que o desenho deste projeto foi tecido ao longo de onze anos de trabalho como professor, dançarino e atleta em DCR. Foi possível descrever o desenho de uma sala de aula para a realização da DECR, enfatizando o piso para a prática esportiva; os equipamentos para a constituição de um bailarino atleta; o posicionamento e a altura de cada equipamento. Resultado: sinalizaram que o desenho é um projeto que precisa ganhar força e forma, para que a DCR possa ser praticada de maneira íntegra e alcance o ápice em suas vertentes.

Descritores: Dança Esportiva em Cadeira de Rodas. Projeto de Arquitetura. Acessibilidade.

Introdução

Segundo o Censo realizado no Brasil em 2010, aponta que 23,9 % da população brasileira possui algum tipo de deficiência, e deste total 21,6% possui alguma deficiência motora isto representa um aumento de 60% desde o Censo em 2000 e que o estado de São Paulo apresenta 1,34% de pessoas com alguma dificuldade motora da população brasileira¹.

Acessibilidade é definida como “a condição para utilização com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, e sistemas e meios de comunicação e informação por uma pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida”².

No entanto, acessibilidade não está direcionada apenas as pessoas com deficiências, mas está intrinsecamente relacionada com a segurança, por exemplo: rampa, corrimão, sinalizadores de circulação entre outros.

O artigo vinte e sete da Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece que toda pessoa tem direito a tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, a gozar das artes e a participar do progresso científico e dos benefícios que dele resultem. Na referida declaração fica evidente que como todo e qualquer ser humano, a pessoa com deficiência também tem direito à cultura e à fruição do patrimônio cultural.

O interesse pela acessibilidade tem sido tema de eventos científicos nacionais e internacionais. No Brasil, isto tem se tornado cada vez mais frequente.

A Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas é o órgão responsável pela administração, direção, difusão, promoção e incentivo da modalidade de dança em cadeira de rodas, praticado por dançarinos com e/ou sem deficiência física de caráter esportivo, artístico e educacional.

A Dança Esportiva em Cadeira de Rodas é uma adaptação da Dança Esportiva que é uma modalidade competitiva da dança de salão praticada por atletas com deficiência física que tenham os membros inferiores comprometidos.

O treinamento das equipes se dá de forma sistematizada como qualquer outro esporte. A competição é definida por danças e formas.

Para a competição é estabelecido internacionalmente que o espaço da pista de dança em campeonatos internacionais e nacionais a área não deve ser inferior a 240 m² sendo o lado mais curto não inferior a 13m e para outros tipos de campeonatos a área não deve ser inferior a 200 m², sendo que nenhum lado da pista tenha menos de 10m de comprimento.

A dificuldade de espaço adequado, assim como transporte dos dançarinos tem sido também um dos fatores determinantes da oscilação de continuidade desta atividade por parte de alguns grupos³.

Como qualquer modalidade artística esportiva os envolvidos tem que se aperfeiçoar, mas é nesse ponto que esbarramos, a falta de estrutura física, ou seja onde esse atleta bailarino irá desenvolver seu potencial, que espaço e que ferramentas esse individuo utiliza.

Diante do exposto acima, este trabalho tem como objetivo propor um modelo de sala de aula para o desenvolvimento da dança esportiva em cadeira de rodas, levando em consideração as necessidades específicas da modalidade e de acessibilidade.

Metodologia

Esta é uma pesquisa descritiva, definindo e sistematizando o espaço físico ideal, adequado e possível para a prática da DECR, por meio de um projeto de arquitetura levando em consideração algumas especificidades.

Resultado

O espaço proposto a prática da DECR apresenta algumas características específicas como apresentados nas figuras 1-4.

Na Sala de aula o bailarino deve utilizar como recursos corporais o controle da cadeira

de rodas em 4 e 2 rodas e a sua ocupação no espaço, movimentos de deslocamento para frente, para trás e diagonal, trabalho corporal com a cadeira de rodas estática e em movimento, execução de giros em eixo e em deslocamento.

Como referência proponho, o espaço físico de no mínimo de 10 x 8 m. Para fins didáticos colocação de demarcação no solo quanto ao fluxo da dança, ou seja, o sentido de rotação da pista de dança é regra em competição.

1.2 – Piso- O piso é um dos principais atenuantes em uma competição, o exigido é o de madeira, ou seja, tábuas de madeiras enceradas sem irregularidades, por excelência a DE tem fluidez suave e continua por essa razão o piso deve se assemelhar ao piso de um salão de baile. É fundamental para um bom desenvolvimento do dançarino que ele tenha no ambiente de treino as mesmas condições da competição.

O piso exerce influencia direta no resultado, pois a aderência e fluidez das rodas é diretamente afetada pelo solo.

1.3 – Colocação de barras- Para o treino será utilizado a barra, principalmente para exercícios de simulação de empurrar, afastar, alongar e lateralidade em dupla.

Proponho um desenho com alturas diferenciadas. Para esse estudo além da minha experiência utilizo a ABNT 9050 como aporte.

Como dimensão padrão a altura para o adulto andante é de 1m para a criança andante 75 cm, para o adulto cadeirante proponho a altura de 60 cm e para a criança cadeirante 45. Essas alturas são proporcionais as alturas dos quadris.

Para o treino alguns recursos podem ser utilizados como bambolê, bola, bastões, colchonetes e aparelho de som.

O bambolê auxilia nos treinos de postura já que em algumas danças a forma circular no entrelaçamento dos braços é figura exigida na execução. A bola ajuda no desenvolvimento articular e de pinça das mãos. Os bastões na verticalização da postura, flexibilidade e sustentação muscular além de espacialidade. E por fim o colchonete para um trabalho de compreensão



Figura 1: Proposta de sala de aula.

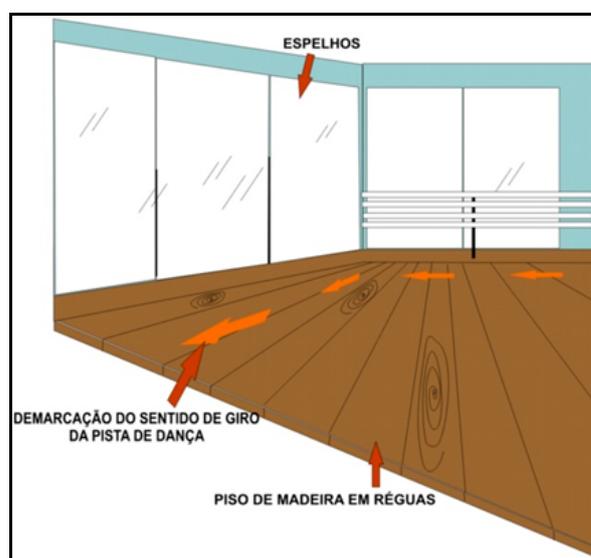


Figura 2: Proposta de piso para sala de aula

global do próprio corpo. E colocação de espelhos em pelo menos duas faces.

É no ambiente de treino que o atleta explora toda a sua potencialidade e variáveis, desta forma promover ao individuo um ambiente cercado de recursos para explorar o crescimento na modalidade.

Discussão

Segundo Siqueira^{4,5}, nas aulas de DECR o ensino, aprendizado deve seguir as novas exigências, os praticantes devem ter condições para o exercício pleno da atividade. O espaço físico para a DECR exige especificidades que permi-

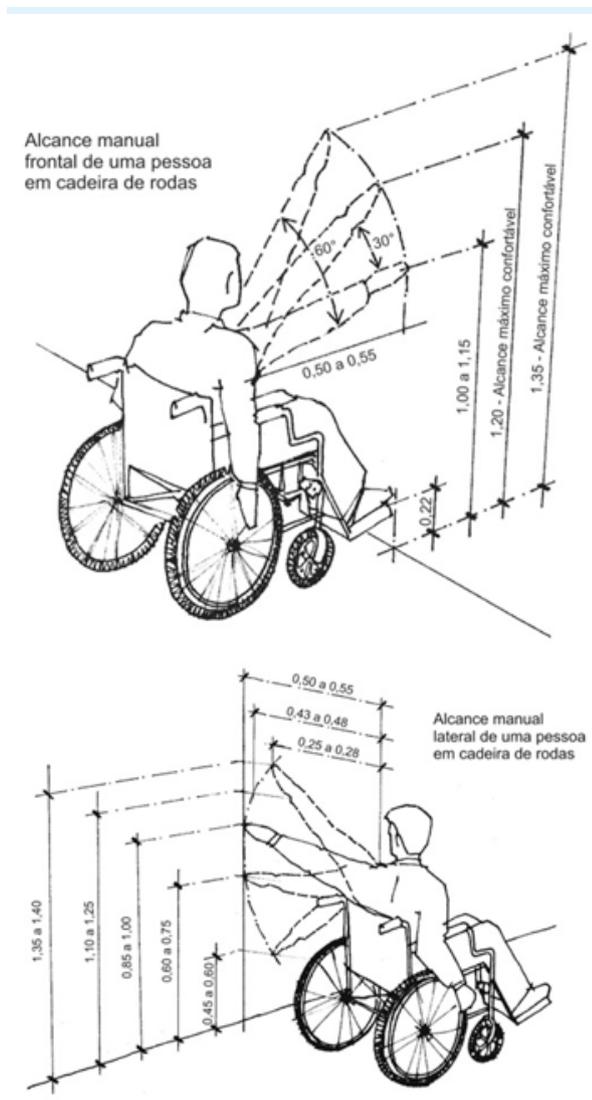


Figura 3: Proposta da diferentes alturas da barra adequadas para diferentes faixas etárias.

ta que o praticante tenha todas as condições de atuação. Levando em consideração as noções de espacialidade, forma, movimento aponta uma proposta de sala de aula para a DECR.

Considerações finais

O deficiente assim como outro cidadão precisa desenvolver o próprio potencial, superar limites, a DCR tem feito essa redescoberta.

Pensar na dança e dançar é pensar prazer, liberdade do corpo e movimento, mas a dança é

muito mais que sentir, é dedicação, comprometimento, mas para alcançar esse sentimento requer disponibilidade não apenas de tempo, mas de preparação e espaço.

O espaço adequado a pratica da DECR ainda não existe, o que pode ser observado são tentativas em espaços improvisados.

Esse artigo não foi elaborado para responder todos os entraves que a questão permeia, serve como um arcabouço do que é o ideal, mas também possível. O desenho agora esta no papel e não mais no campo das ideias e da inicio a novas discussões.

DCR e DECR é trabalhar com o que se tem e não apesar de, porque Dançar é só o começo.

Referências

1. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 08/08/2013
2. ABNT, Associação Brasileira de Normas técnicas NBR 9050 – ACESSIBILIDADE DE PESSOAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA A EDIFICAÇÕES, ESPAÇO, MOBILIÁRIO E EQUIPAMENTOS URBANOS. Rio de Janeiro. Associação Mineira de Paraplégicos. 1997.
3. FERREIRA, Eliana Lúcia.FERREIRA, Maria Beatriz Rocha, FORTI, Vera Aparecida Madruga. Interfaces da Dança para pessoas com deficiência. 1 ed., Campinas SP : CBDCCR,2002.
4. SIQUEIRA, Alexandre de Aguiar. A Arquitetura da dança: do desenho a construção de uma dupla. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS. 6, 2009, Campinas. Anais do IV Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas. Juiz de Fora: UFJF/CBDCR, 2009, CD-ROM.
5. SIQUEIRA, Alexandre de Aguiar. Dança em cadeira de rodas: Projeto de Arquitetura para um Centro de Treinamento / Alexandre de Aguiar Siqueira – 2012. 71 f.Monografia (Especialização em Esportes e Atividades Físicas Inclusivas para Pessoas com Deficiência) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

Dança artística em cadeira de rodas: dificuldades de acessibilidade enfrentadas por bailarinos

Artistic dance in wheelchair: accessibility of difficulties faced dancers

Andressa Ferreira da Silva; Mara Rubia Alves da Silva
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – SANTA MARIA – RS
e-mail: andressaferreiradasilva@hotmail.com

Resumo

Com o intuito de oportunizar o acesso de cadeirantes a Dança Artística o Núcleo de Apoio e Estudos da Educação Física Adaptada (NAEEFA) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) criou o Projeto de Extensão “Dançando com as diferenças”, que se estabelece como foco dessa pesquisa. Objetivamos com esta, conhecer as opiniões desses bailarinos (cadeirantes) quanto à acessibilidade e a qualidade da infra-estrutura do local onde se realiza a prática da Dança em Cadeira de Rodas e suas dependências. Para isso, foi realizada uma entrevista contendo 10 perguntas fechadas organizadas em escala do tipo Lickert, de 04 pontos de escore (inacessível, pouco acessível, acessível, muito acessível), juntamente com 04 perguntas abertas focadas na opinião dos cadeirantes sobre as estruturas de acesso. A amostra se constituiu de sete cadeirantes, e por meio da análise das respostas obtiveram-se os seguintes resultados: quanto ao acesso primário – calçadas: 57,14% pouco acessível; corredores: 42,86% inacessível e 42,86% pouco acessível; quanto ao acesso básico – banheiro: 85,71% inacessível; bebedouros: 71,43% inacessível e quanto ao acesso principal – Sala de Dança do Ginásio 2 do CEFD/UFSM: 42,86% inacessível; 42,86% pouco acessível. Quanto a circular com autonomia pelos espaços do CEFD/UFSM 71,43% declaram que não é possível. Portanto, cabe refletir se o direito Constitucional de Acessibilidade e a NBR 9050/04 estão sendo cumpridos e executados conforme instituídos em Lei. Palavras-chaves: Cadeirantes; Acessibilidade; Dança Artística em Cadeira de Rodas.

Introdução

O afastamento dos deficientes físicos do convívio comum, como aconteceu em diversos momentos na história, atribuiu um reconhecimento a sua existência. Porém, só a partir de uma perspectiva de longa duração, pela comparação de épocas passadas, é possível perceber o quanto mudou e vem mudando a condição do deficiente na sociedade¹.

No âmbito da UFSM, há o Núcleo de Acessibilidade da Instituição, com o intuito de oferecer à comunidade universitária acolhimento, acompanhamento e orientação no sentido de mobilizar ações favorecedoras para a inclusão e acessibilidade na Instituição de Ensino Superior. Suas ações são voltadas a alunos, docentes e técnico-administrativos que necessitam de atendimento especial ou que convivem com pessoas que possuem algum tipo de Necessidade Educacional Especial (NEE).

A crescente busca pela dança artística em cadeira de rodas fez com que os projetos de extensão do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM (CEFD/UFSM), em especial o Projeto “Dançando com as diferenças”, tivessem um aumento no número de participantes. A partir disso, surgiram preocupações no que diz respeito ao acesso desses indivíduos às dependências do CEFD para a realização dessas práticas. Assim, com base na realidade dos participantes do referido Projeto de Extensão, o objetivo desse estudo foi verificar quais as principais dificuldades enfrentadas pelos bailarinos com deficiência física que utilizam cadeira de rodas em relação à acessibilidade no espaço de prática da Dança nos projetos de extensão do CEFD/UFSM.

Materiais e métodos

Esse é um Estudo de Caso, que se constitui em uma descritiva de cunho qualitativo². Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, reconhecido pela Comissão Nacional em Pesquisa (CONEP/

MS) sob CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética) número 0068.0.243.000-11. A coleta dos dados foi realizada após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, através da aplicação de uma Matriz validada por três professores doutores (um de Educação Física e dois de Educação Especial).

Como instrumento para a coleta das informações, realizamos uma entrevista com perguntas semiestruturadas. Essa entrevista se constituiu por três perguntas relacionadas com o objetivo desta investigação, foram as seguintes: 1) Há possibilidade de circulação com autonomia para pessoas com deficiência física usuárias de cadeira de rodas nos espaços do Centro de Educação Física e Desportos?; 2) Desde sua inserção no(s) projeto(s), você notou algum tipo de adaptação no espaço físico dos locais onde eles são desenvolvidos?; 3) Você tem conhecimento de algum participante desses projetos que tenha desistido de frequentar as aulas devido à dificuldade de acesso ao local?

Essas questões foram respondidas por sete (7) pessoas com deficiência física usuárias de cadeiras de rodas participantes do Projeto de Extensão do CEFD/UFSM “Dançando com as diferenças”, no período entre maio e junho de 2011. A escolha dos participantes aconteceu de forma espontânea, em que a disponibilidade dos mesmos foi o fator determinante. Além disso, foi utilizado como critérios de inclusão: ser deficiente físico que faça o uso de cadeira de rodas – não tendo outra deficiência concomitante, estar participando do projeto de extensão “Dançando com as diferenças”, ter idade entre 10 e 30 anos e estar inserido no(s) Projeto(s) por um período maior ou igual a três meses.

Com o intuito de preservar as identidades dos participantes foram utilizados codinomes escolhidos pelos próprios entrevistados. As falas foram registradas por um gravador com o intuito de facilitar a transcrição e captar o maior número de informações facilitando o processo de análise e interpretação das mesmas. Para validar a interpretação, foi realizada a análise de conteúdos³.

Resultados

A amostra se constituiu de sete cadeirantes, e por meio da análise das respostas obtiveram-se os seguintes resultados: quanto ao acesso primário – calçadas: 57,14% pouco acessível; corredores: 42,86% inacessível e 42,86% pouco acessível; quanto ao acesso básico – banheiro: 85,71% inacessível; bebedouros: 71,43% inacessível e quanto ao acesso principal – Sala de Dança do Ginásio 2 do CEFD/UFSM: 42,86% inacessível; 42,86% pouco acessível. Segundo os entrevistados as maiores dificuldades estão relacionadas às rampas íngremes ou demasiadamente pequenas, portas estreitas, buracos no chão da sala de dança, falta de banheiros e bebedouros adaptados. Devido a isso 71,43% declaram não poder circular com autonomia pelos espaços do CEFD/UFSM.

Discussão

Atualmente com a inclusão das pessoas com NEE a todos os ambientes, sendo destacado nesse estudo o ambiente universitário Federal, dentro do qual, em geral os estudos de acessibilidade são direcionados apenas aos seus estudantes e não a parcela da população que não possui vínculo institucional mas, que usufruem ou almejam usufruir desses espaços. O Projeto de Extensão “Dançando com as diferenças” do CEFD/UFSM, destinado a pessoas com NEE, considera que a realização de atividades físicas, esportivas e de lazer devem respeitar todas as normas de segurança, de modo que evitem acidentes e recebam seus participantes em um ambiente que proporcione acolhimento e estimule a autonomia.

A partir da falta de condições de acessibilidade, torna-se impossível que o aluno que possui deficiência física e a conseqüente dificuldade de locomoção, desfrute de espaços como seus colegas sem deficiência⁴. Em estudo realizado em uma universidade brasileira, a existência de algumas iniciativas por parte dos próprios

alunos em participar de atividades esportivas e sociais. Constatou que as limitações físicas são alguns dos motivos que levam os alunos a não se envolverem nessas atividades, além da falta de tempo e a timidez que são fatores determinantes⁵. Mesmo diante de tantas dificuldades e se deparando com barreiras arquitetônicas e atitudinais, grande parte dos entrevistados disseram não saber de alunos que tenham desistido de participar de Projeto por dificuldades de acesso até o local, isso por um lado nos mostra a garra e persistência dessas pessoas.

Conclusão

É importante incentivar a adesão de um número cada vez maior dessa população a essas práticas também como forma de inclusão e socialização. Para isso, se faz necessário proporcionar um ambiente planejado ou corretamente adaptado, permitindo o encorajamento de seus usuários, de modo que possam usufruir desses espaços de forma autônoma e segura e que não acarretem constrangimentos ou danos.

Essas mudanças não devem ser vistas apenas com o intuito de obedecer a normas e leis já estabelecidas, e sim por propiciarem a democratização do acesso a esses espaços que são utilizados por todos, acolhendo por meio de ações propostas pela Instituição. Almejamos que sejam desenvolvidos mais estudos na área pautados na efetivação de ações modo que minimizem as dificuldades de acessibilidade enfrentadas por deficientes físicos e demais pessoas com necessidades educacionais especiais tanto em projetos de extensão universitários quanto nos demais ambientes sociais.

Referências

1. FREITAS, P. S. Deficiência, esporte e identidade. 2007. In: Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <<http://www.fef.unicamp.br/sipc/anais8/Patr%C3%ADcia%20Silvestre%20de%20Freitas%20-%20UF%20de%20Uberl%C3%A2ndia%20Pg.pdf>>. Acessado em: 08/06/2011.
2. LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
3. BARDIN, L. Tradução de Luis Antero Neto e Augusto Pinheiro. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2008.
4. MANZINI, E. J. Inclusão e Acessibilidade. Revista da Sobama, v. 10, n. 1, Suplemento, p. 31-36. Rio Claro, 2005.
5. PEREIRA, M. M. Inclusão no ensino superior: trajetórias acadêmicas dos alunos com deficiência que entraram na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul pelo sistema de cotas. Revista Educação Especial. n. 32, p. 163-174. Santa Maria, 2008.



Dança artística em cadeira de rodas: uma proposta no âmbito escolar

Artistic dance in wheelchair: a proposal in the school

Luana Correa Fernandes¹; Mara Rubia Alves da Silva²

1 – Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS; 2 – Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS.
E-mail para contato: sci.luana@hotmail.com

Resumo

Introdução: Nesse estudo propomos oficinas de Dança Artística em Cadeira de Rodas (DACR) ao professor de Educação Física de uma Escola para alunos com necessidades educacionais especiais (ANEE) da cidade de Santa Maria/RS. Para isso, trabalhamos com a Dança sob a perspectiva da Dança-Educação, Dança-Terapia e da Dança-Arte como forma de incluir, através da Dança, pessoas com deficiência. Nesse sentido, acreditamos que a Educação Física escolar desempenha um papel muito importante, pois tem a oportunidade de articular e trabalhar com tais fatores de forma conjunta em suas aulas. **Objetivo:** Oportunizar a vivência da DACR ao professor de Educação Física de uma Escola para ANEE. **Métodos:** Selecionamos um professor de Educação Física de uma Escola Especial da rede pública para participar de cinco oficinas de DACR, realizadas na Escola participante do estudo, entre junho e julho de 2013. Utilizamos como método de avaliação das oficinas um questionário respondido pelo docente. **Resultados:** A partir da análise dos dados, verificamos uma proximidade do resultado com os objetivos e aspirações do trabalho. Enquanto proposta da DACR como um dos conteúdos da Educação Física, percebemos que trata-se de uma possibilidade viável, a partir dos comentários e posicionamentos do professor pesquisado. Em virtude da formação profissional do professor para se trabalhar com pessoas com deficiência, constatamos que o professor considera de extrema importância o conhecimento que se deve ter a cerca de seus alunos, suas possibilidades e limitações e considera que as oficinas lhe auxiliaram nisso. Por último, observamos que a DACR é um conteúdo bastante complexo, que envolve vários fatores para sua realização e execução, além de ser um processo que exige bastante tempo e trabalho. **Conclusão:** Assim, entendemos que é necessário dar continuidade a esse trabalho e acompanhamento ao professor que participou da pesquisa, para que possamos alcançar resultados mais concretos e, futuramente, possamos difundir os assuntos que tangem à DACR. .

Descritores: Dança Artística em Cadeira de Rodas; inclusão escolar; Educação Física.

Introdução

Através dos conhecimentos a cerca da Dança Artística em Cadeira de Rodas (DACR), tivemos a intenção de contribuir na formação do professor de Educação Física de uma escola da cidade de Santa Maria/RS, voltada para alunos com necessidades educacionais especiais (ANEE), fornecendo embasamento teórico, assim como, intervenções práticas na escola, a partir de oficinas de DACR. Também, visamos avaliar o efeito do trabalho desenvolvido com o professor ao final de todo o processo.

Esse trabalho fundamentou-se em uma perspectiva que pretende mostrar que a Dança, como atividade motora, pode trazer benefícios para pessoas com deficiência, melhorando as capacidades biológicas e psicológicas, contribuindo para o resgate da autoestima e autoimagem, além de promover a melhora do relacionamento da pessoa consigo mesma, com as outras pessoas e com o mundo. Assim, tendo em vista a inclusão desses indivíduos.

Além disso, utilizamos como modelo os princípios da Dança-Educação, Dança-Terapia e da Dança-Arte. Sendo assim, tratando-se Dança-Educação, Lima¹ remete à contribuições no processo ensino-aprendizagem, integrando disciplinas, como também o desenvolvimento motor, ocasionando maior consciência do corpo, tornando o aluno um ser mais perceptivo e reflexivo, consciente de seu papel na sociedade e do mundo ao seu redor.

Já a respeito da Dança-Terapia, é uma técnica psicoterapêutica que utiliza o movimento como um processo que promove a integração emocional e física do indivíduo. Fundamentada na metodologia criada pela bailarina argentina Maria Fux², a Dança-Terapia procura utilizar os recursos artísticos, educacionais e terapêuticos da Dança para encontrar as pessoas e ajudá-las a descobrir caminhos, superar desafios e viver mais felizes.

Por fim, a Dança-Arte, se compreendida como linguagem artística – e não somente como repertório/coreografias – tem o potencial de agir

sobre o mundo. O jogo articulado entre os sentidos da Dança é que permite às crianças, jovens e adultos a descoberta de suas próprias possibilidades corporais, em diálogo com as possibilidades do sistema da Dança.

Assim, partindo do princípio que, segundo Sasaki³, a inclusão da pessoa com deficiência no âmbito escolar representa não somente a colocação do indivíduo em salas de aula, mas sim uma mudança de conceitos, programas, política e apoio oferecidos a eles, acreditamos que a Educação Física escolar pode apresentar uma possibilidade de conexão entre os fatores acima mencionados, podendo utilizar-se dos conteúdos da Dança aliados aos princípios de inclusão.

Desta forma, o objetivo desse estudo foi oportunizar a vivência da DACR ao professor de Educação Física de uma Escola para ANEE da cidade de Santa Maria/RS.

Método

Pesquisa participante de caráter qualitativo, onde usamos o estudo de caso como procedimento técnico. Para a coleta de dados utilizamos um questionário com oito questões abertas, elaboradas a partir dos problemas de pesquisa e objetivos do trabalho. O professor pesquisado assinou um termo de consentimento em relação a sua participação e a utilização do conteúdo de suas respostas nesse estudo.

As cinco oficinas de DACR aconteceram na Escola onde o professor atuava, com a duração de uma hora cada, entre junho e julho de 2013. As oficinas foram desenvolvidas a partir dos conhecimentos, experiências e vivências fundamentadas na proposta de trabalho através dos princípios da Dança-Educação, Dança-Terapia e Dança-Arte, respeitando uma ordem de complexidade e compreensão, sendo: 1^a – História, trajetória e conceitos da DACR; 2^a – Conhecimento da realidade e manejo das cadeiras; 3^a – Ritmo; 4^a – Consciência corporal; 5^a – Noção espaço-tempo e lateralidade.



A análise dos dados foi feita através da técnica de triangulação, divididos em três categorias: 1ª – DACR como conteúdo inovador nas aulas de educação física: Possibilidades e limitações; 2ª – Preparação profissional do professor de Educação Física frente à inclusão do aluno com deficiência; 3ª – Complexidade e tempo de assimilação do trabalho desenvolvido com a DACR.

Resultados

1ª Categoria: A partir dos comentários e posicionamentos do professor pesquisado, percebemos que a DACR como conteúdo da Educação Física é uma possibilidade viável.

2ª Categoria: Constatamos que o professor pesquisado considera de extrema importância o conhecimento que se deve ter a cerca de seus alunos, suas possibilidades e limitações e considera que as oficinas lhe auxiliaram nisso.

3ª Categoria: observamos que a DACR é um conteúdo bastante complexo, que envolve vários fatores para sua realização e execução, além de ser um processo que exige bastante tempo e trabalho.

Discussão

Com a análise dos dados procuramos, paralelamente, avaliar o trabalho desenvolvido nas oficinas. Sendo assim, tendo em vista a primeira categoria sobre a DACR como conteúdo inovador nas aulas de Educação Física – possibilidades e limitações, constatamos que, primeiramente, o objetivo de oferecer as oficinas com o intuito de proporcionar algo novo à formação do professor foi alcançado, já que foi algo que ele nunca havia trabalhado anteriormente. Entretanto, as atividades desenvolvidas não foram totalmente indiferentes ao que o professor utilizava em suas aulas. Porém, notamos que os conteúdos específicos da DACR foram acrescentados em seu repertório.

Deste modo, conforme nos traz Fux⁴, a dança é uma necessidade de dar algo, de expressar-se e de encontrar um ponto de vinculação com a vida. É com esta visão que a proposta de oficina de DACR foi apresentada e desenvolvida durante as inserções, buscando incitar o apreço do professor participante com o intuito de lhe dar motivos para utilizar-se desses conhecimentos em suas aulas.

Ainda, verificamos que a aspiração de praticar a inclusão do aluno com deficiência física nas aulas de Educação Física, através da DACR, mostrou-se presente na prática das oficinas. Também, evidenciamos uma relação entre o caráter afetivo/emocional e o bom andamento da aula. Assim, as observações que o professor apontou, associando-as à afetividade, concordam com Garaudy⁵ quando menciona que a dança indica a expressão, através de movimentos do corpo organizados em sequências significativas, de experiências que transcendem o poder das palavras e da mímica. Ainda, indica a dança como uma das raras atividades humanas em que o homem se encontra totalmente engajado: corpo, espírito e coração.

Partindo para a segunda categoria, onde procuramos analisar a preparação profissional do professor de Educação Física frente à inclusão do aluno com deficiência, observamos que o professor participante do estudo considera de grande importância se estar preparado, teórica e praticamente, para atuar com alunos com deficiência. Nesse sentido, é pertinente fazer uma alusão a Sherrill⁶, quando diz que a educação física tem como objetivos ensinar atividades motoras para se utilizar no tempo livre, promover hábitos que promovam a saúde e que perdurem até a vida adulta. Assim, é notável a importância de se estar bem preparado em qualquer situação, independente de condições físicas e/ou motoras dos alunos.

Também, observamos que o mesmo possui conhecimentos relevantes a cerca de seus alunos o que, para ele e em nossa concordância, ajuda a facilitar o trabalho com a turma. Fora isso, constatamos que a promoção das oficinas

veio de encontro às nossas ambições de oferecer subsídios ao professor, através da DACR, para que este tenha o “pontapé” inicial na busca por novos conhecimentos.

Esse posicionamento do professor remete ao que Ferreira⁷ nos propõe quando diz que o profissional que deseja estimular a inclusão precisa estar informado sobre os procedimentos geralmente utilizados, em cada situação que compõe a atividade.

Como terceira e última categoria, elencamos a complexidade e tempo de assimilação do trabalho desenvolvido com a DACR. Neste sentido, notamos o interesse do professor em dar continuidade ao trabalho desenvolvido nas oficinas. Entretanto, observamos a preferência do professor por um acompanhamento do pesquisador nesse trabalho. Ainda, mais do que preferência, entendemos como uma necessidade de acompanhamento e, também, continuação do trabalho. Isso porque, sabemos da complexidade que envolve a prática da DACR.

De acordo com Ferreira⁸, para entender a dança em cadeira de rodas, seria necessário observar a pessoa usuária dessa cadeira e suas relações com as outras pessoas que estão participando dessa atividade com ela, mas seria imprescindível também, observar essa pessoa dentro de outros contextos sociais.

Conclusão

A partir da análise dos dados, verificamos uma proximidade do resultado com os objetivos e aspirações do trabalho. Desta maneira, acreditamos que a DACR pode e deve ser mais trabalhada nas aulas de Educação Física. Também, com esse estudo percebemos a importância de darmos continuidade a trabalhos como este.

Referências

1. Lima, PRF. Dança – Educação Para Crianças do Ensino Público: é Possível? R. bras. Ci e Mov. 2007.
2. Fux M. Dançaterapia. São Paulo: Summus Editorial; 1988.
3. Sasaki RK. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: Editora WVA; 1997.
4. Fux M. Dança: experiência de vida. São Paulo: Summus; 1983.
5. Garaudy R. Dançar a vida. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1980.
6. Sherrill C. Adapted physical education and recreation: amultidisciplinary approach. 3th. ed. Dubuque: Wm. C. Brown Publishers; 1986.
7. Ferreira EL, organizadora. Dança Artística e Esportiva para Pessoas com Deficiência: Multiplicidade, complexidade e maleabilidade corporal. Juiz de Fora/MG: CBDCR; 2005.
8. Ferreira EL, organizadora. Dança escolar: um novo ritmo para a Educação Física. Rio de Janeiro: Sprint; 2005.



Dança e inclusão: uma proposta de projeto em arte-educação

Dance and inclusion: a proposal for a project in art education

Daniella Forchetti

Mestra em Distúrbios da Comunicação PUC/SP; Especialista em Linguagens das Artes USP; Faculdade de Fonoaudiologia PUC/SP;
Membro do Conselho Internacional de Dança CID/UNESCO.
E-mail contato: daniforchetti@yahoo.com.br

Resumo

Introdução: Este artigo é parte de minha monografia apresentada para a banca do curso de Especialização em Linguagens das Artes pela USP em 2007. Eu pretendi discutir uma nova forma de abordagem no ensino da Arte Educação na dança. Para tanto, se faz necessário que o arte educador/ professor esteja munido de informações para que possa realizar as adaptações necessárias em sala de aula para que todos possam compreender o conteúdo dado. No entanto, essa realidade ideal muitas vezes se encontra distante de nossa realidade brasileira. **Objetivo:** Em fevereiro de 2000, criei o Projeto Arteiros, na AHIMSA (Associação Educacional para Múltipla Deficiência) em São Paulo, com o objetivo inicial de trabalhar a expressão corporal com pessoas com múltiplas deficiências e surdo-cegos. Atualmente foram expandidos os locais de atendimento e o público alvo, seus principais objetivos são: desenvolver a consciência corporal, criatividade, socialização, comunicação e autonomia de todos os participantes. Tratam-se de grupos heterogêneos, que são compostos em por pessoas com e sem deficiência. **Método:** O Projeto Arteiros foi implementado em 12 instituições em São Paulo que desenvolvem atendimento às pessoas com deficiências. O trabalho de Dança Inclusiva foi desenvolvido baseado nas minhas experiências em Dança Educativa, Danceability, Danzaterapia, Danças Circulares, Danças Orientais, juntamente com o trabalho proposto por Van Djck para pessoas com múltiplas deficiências – níveis de comunicação, colaborando para o desenvolvimento da sua consciência corporal e simbólica. O público do projeto foram crianças, adultos e idosos com e sem deficiência. Todos os trabalhos foram oferecidos gratuitamente para os participantes graças às parcerias do projeto com a Secretaria da Cultura, ONGs e Associações. **Resultado:** Com esse projeto foi possível observar o resgate da auto-estima de cada participante, a valorização junto à seus familiares e pessoas da comunidade, possibilitando enxergar o potencial desses indivíduos. **Conclusão:** Vivenciar experiências em dança inclusiva e seu potencial de socialização em locais públicos, procurando ultrapassar as barreiras arquitetônicas, atitudinais e comunicativas.

Palavras-chaves: dança, inclusão, arte-educação, comunicação, Projeto Arteiros.

Introdução

A proposta de dança inclusiva surgiu do crescente movimento mundial em criar programas que valorizem a participação de todos, em especial, pessoas com deficiência, tanto em atividades sociais, pedagógicas e culturais.

A dança por si só já é geradora de possibilidades expressivas, seja do indivíduo como de um grupo. Minha proposta em dança inclusiva é proporcionar à todos os participantes igualdade de condições para desenvolver sua consciência corporal, criatividade, comunicação, socialização e autonomia. Tratam-se de grupos heterogêneos, que são compostos em por pessoas com e sem deficiência. É importante destacar esse ponto, pois muito do que existe em dança não necessariamente é voltado para todos. Não é uma questão de estilo mas de metodologia, que valorize e possibilite a participação de pessoas com e sem deficiência, uma dança acessível para todos!

Para isso, em fevereiro de 2000, criei o Projeto Arteiros, na AHIMSA (Associação Educacional para Múltipla Deficiência) em São Paulo, com o objetivo inicial de trabalhar a expressão corporal com pessoas com múltiplas deficiências e surdocegos à fim de ampliar sua comunicação interpessoal em espaços públicos. Esses dados podem ser encontrados mais aprofundados em minha dissertação de mestrado. Atualmente foram expandidos os locais de atendimento e o público alvo, tratando-se de pessoas com e sem deficiência. Considero importante ressaltar a possibilidade de que todos os participantes possam vivenciar um meio que propicie vencer as barreiras físicas, interpessoais e culturais.

Este artigo é parte de minha monografia apresentada para a banca do curso de Especialização em Linguagens das Artes pela USP em 2007. Eu pretendi discutir uma nova forma de abordagem no ensino da Arte Educação na dança, especialmente visando o bem-estar dos alunos, possibilitando a criação de espaços em que é possível a participação de todos. Uma possibilidade de investigação de como e o que

ocorre nos campos das barreiras arquitetônicas, atitudinais e comunicativas que inviabiliza a visualização e participação de pessoas com deficiência. Para tanto, se faz necessário que o arte educador/ professor esteja munido de informações para que possa realizar as adaptações necessárias em sala de aula para que todos possam compreender o conteúdo dado. No entanto, essa realidade ideal muitas vezes se encontra distante de nossa realidade brasileira.

A metodologia desse projeto é baseada nos estudos de Laban – Dança Educativa Moderna e Van Djck adaptada às pessoas com deficiência. Dessa forma, foi criado um modelo contemporâneo em que a dança inclusiva valoriza a participação de todos, aprendendo com suas diferenças e semelhanças.

Quando temos a possibilidade de trabalhar com diferentes faixas-etárias e grupos que não são compostos apenas por pessoas com deficiência, temos um processo colaborativo em que quem não enxerga auxilia quem não anda e vice-versa. No trabalho de dança inclusiva, esses grupos são pensados baseados no desenvolvimento do potencial de cada participante e, em que momento processual ele se encontra.

Rudolf Laban¹ procurou nos mostrar através de sua Teoria do Movimento a possibilidade de que qualquer pessoa pode dançar, respeitando sua individualidade, favorecendo a experiência do movimento. Através de sua metodologia é possível descrever características do movimento como: qualidade, peso, ritmo, forma, postura, caminho, direção, dimensão, nível espacial, uso do corpo nas suas partes e em seu todo. Para ele, adquirimos conhecimento através do corpo, nosso instrumento para pensar, saber e comunicar. Ele criou a nomenclatura effort (esforço) para nos mostrar que o movimento começa a ocorrer internamente, através das emoções, sensações e pensamentos.

Nas escolas o uso dessa técnica é variado: possibilita a expressão, a retomada da consciência dos seus movimentos, preserva a espontaneidade, ajuda na expressão criativa e cultiva a capacidade de fazer parte de danças coletivas.



Já para Jan Van Djck², as crianças com múltiplas deficiências e surdocegas têm dificuldade em distinguir a si mesma, sendo os outros prolongamentos do seu próprio corpo. Essa criança com deficiência descobre que seu corpo é um veículo com o qual poderá explorar o mundo através do movimento e da interação com o adulto. Um paralelo semelhante ao que Laban pesquisava. Ambos buscaram à sua maneira propor formas em que tanto as barreiras atitudinais como comunicativas pudessem ser questionadas e reformuladas em sua época. Nos dias de hoje ainda vemos que muito há o que se fazer, começando com a transposição das barreiras arquitetônicas, pois sem vencê-las, muitas vezes não é possível nem a pessoa com deficiência possa sair de casa, seja pelas más condições das ruas, pela falta de transporte público adequado e em quantidade, como nos locais possibilitarem o acesso para que essas pessoas possam entrar e se movimentar com total autonomia pelos ambientes.

Método

Baseado num processo permanente de ação/reflexão/ação, resgato a visão de Paulo Freire³ que diz para buscarmos assumir uma postura curiosa perante nosso objeto de pesquisa: A de quem pergunta, a de quem indaga, a de quem busca.”

A de quem pergunta?

Como é possível desenvolver uma abordagem facilitadora do processo de inclusão de pessoas com deficiência através da dança?

A de quem indaga?

Como criar espaços que valorizem a importância de se trabalhar a igualdade de condições para o desenvolvimento todos.

A de quem busca?

Baseada numa metodologia triádica⁴ em que fundamenta sua prática na realidade de seu aluno, é possível propor um novo olhar sobre a dança. Em que a técnica não procura padronização, mas o potencial criativo do próprio movimen-

to. Onde a apreciação não busca exclusivamente a simetria estética e o virtuosismo, mas reconheça as diferentes formas criativas/expressivas.

A busca do potencial comunicativo expressivo é algo em comum em ambos os autores, propondo uma ampliação na relação interpessoal entre os participantes e o público, que muitas vezes ao final das apresentações dançavam conosco. Assim propiciava também um vencimento das barreiras atitudinais, onde muitas vezes o pré-conceito inviabiliza a aproximação. A proposta de dança inclusiva vem somar as ideias já praticadas por eles, trazida para nossa realidade atual, uma forma contemporânea de expressão artística.

Resultados

Este trabalho foi denominado Projeto Arteiros e implementado até 2013 em 12 instituições que desenvolvem atendimento às pessoas com deficiência. Participaram desse projeto mais de 350 pessoas, sendo que 70% tinham algum tipo de deficiência (motora, neurológica, cognitiva, visual, auditiva, surdocegueira, múltiplas) e transtornos de desenvolvimento.

O público do projeto foram crianças, jovens, adultos e idosos com e sem deficiência. Todos os trabalhos foram oferecidos gratuitamente para os participantes graças às parcerias do projeto com a Secretaria da Cultura, ONGs e Associações.

Essa pesquisa teve um caráter exploratório, qualitativo, procurando observar aspectos subjetivos e motivacionais relacionados ao tema dança e inclusão. As entrevistas foram feitas em grupo de maneira aberta, como também dos familiares dos participantes. Tivemos filmagens dos participantes dançando em diferentes momentos e locais. Como ilustração do projeto foram utilizados material fotográfico previamente aprovado. O trabalho também procurou trazer dados de pesquisa quantitativo, com o uso de tabelas.

Como resultado desse projeto foi possível observar a superação das barreiras comunica-

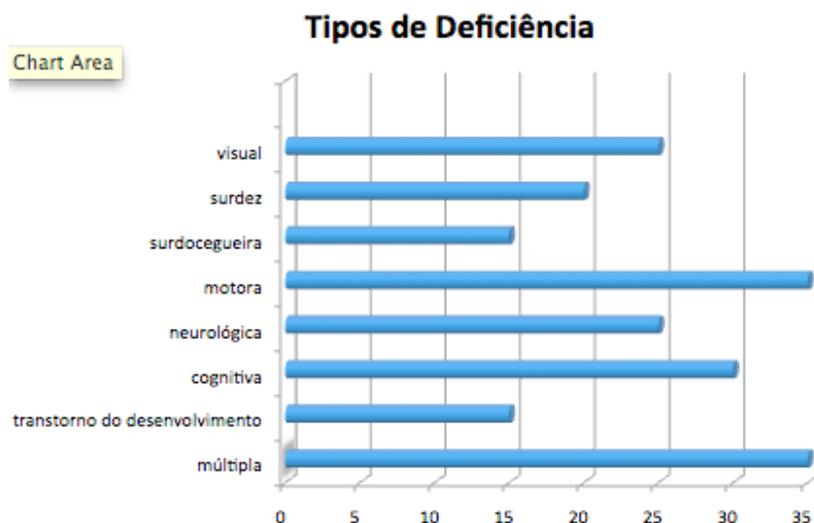


Figura 1: Participantes do projeto com deficiência, distribuídos por sua tipologia.

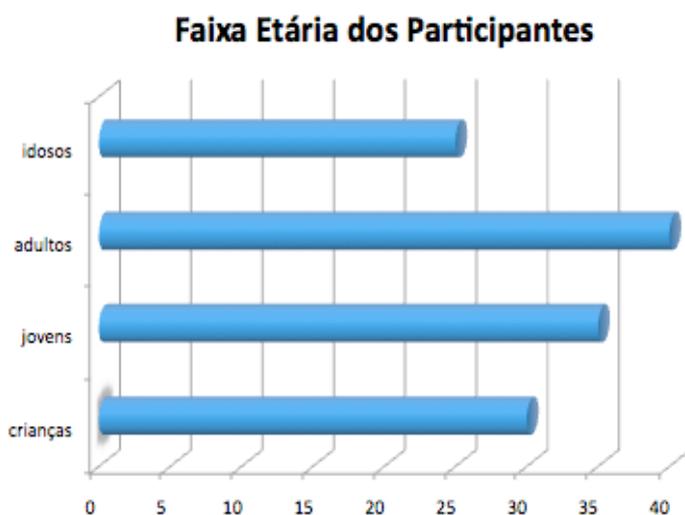


Figura 2: Total de participantes com e sem deficiência, distribuídos por sua faixa etária.

cionais, atitudinais e arquitetônicas⁵. A medida que todos os participantes, pessoas com e sem deficiência, se envolviam no processo de dança inclusiva, a atitude do grupo perante os obstáculos ia colaborando para transformar sua realidade num ambiente acessível. Esse trabalho foi implantado em 12 instituições e observou-se a possibilidade desse projeto ser replicado em outros locais.

questões ligadas à área de dança e inclusão. O Projeto Arteiros se propôs ser um mediador nas relações entre pessoas com e sem deficiência, utilizando da dança como um processo expressivo. No que diz respeito ao tema inclusão, é verdadeiramente importante ressaltar que para vencermos as barreiras físicas, interpessoais e culturais devemos garantir a acessibilidade para todos.

Discussão

O trabalho desenvolvido junto ao Projeto Arteiros de dança inclusiva foi baseado nas minhas experiências em Dança Educativa Moderna, Danceability, Danzaterapia, Danças Circulares Sagradas e Danças Orientais, unificado com o trabalho terapêutico baseado nos estudos de Van Djck. Isso possibilitou uma integração entre as áreas da Arte/Saúde/Educação, criando uma forma de expressão contemporânea⁶. Ambos autores^{1,2} valorizam a questão do corpo da pessoa com deficiência como um veículo com o qual poderá explorar o mundo, mediado por um interlocutor. Ao experimentar fazer parte do processo de dança inclusiva, é valorizado os aspectos comunicativos e as relações interpessoais.

Conclusão

Neste artigo procurei compartilhar algumas

Referências

1. LABAN,R. Dança Educativa Moderna (edição traduzida e ampliada por Lisa Ullmann) Ícone editora, São Paulo, 1990.
2. VAN DJCK,J. Movimento e Comunicação com crianças rubélicas. Conferência pronunciada na Reunião Geral Anual – ONCE, Espanha, Maio, 1968 (Mímeo: Tradução Dalva Rosa).
3. FREIRE, P. Ação Cultural para a Liberdade e outros Escritos. Considerações em torno do ato de estudar. Paz e Terra, São Paulo, 1987.
4. RENGEL, L. Dicionário Laban. São Paulo, ANNABLUME Editora, 2ª Ed., 2005.
5. FORCHETTI, D. A HISTÓRIA DE IAGO: o menino guerreiro no mundo da comunicação alternativa, PUC/SP, 2000.
6. FORCHETTI, D. Vencendo as Barreiras da Comunicação. Um Retrato da Comunicação Alternativa no Brasil. Vol. II, Programa de Pós-Graduação em Educação, p. 148-152, UERJ, 2007.